

A TEOLOGIA NA UNIVERSIDADE: PERSPECTIVAS¹

*Prof. Dr. Côn. Antonio Manzatto**

A Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção teve sua última década marcada pelo trabalho de oficialização de seus cursos de teologia em ambiente civil. Estive presente na direção da Faculdade durante todo o período, dirigindo, de certa forma, todo esse processo, ao menos no interior da Faculdade.

Em 1999 celebramos com uma Semana Jubilar o cinquentenário da Faculdade, ocasião em que foi concedido seu primeiro título honorífico, o de Doutor Honoris Causa em teologia a D. Paulo Evaristo Arns, atualmente Arcebispo Emérito de São Paulo. Logo após, iniciávamos os trâmites para o reconhecimento civil de nosso curso de teologia.

Naquele ano, nossos irmãos luteranos de São Leopoldo conseguiram do MEC o reconhecimento de seu curso de graduação em teologia. Seguimos seu exemplo e, ainda em 1999, apresentamos ao MEC o pedido para a Autorização de nosso curso de graduação em teologia. Chegamos a receber a visita dos técnicos do MEC, mas o processo foi terminado no ano seguinte diante da inserção da Faculdade de Teologia no Centro Universitário Assunção. Ali não precisamos renovar a solicitação da Autorização para o curso, pois a autonomia universitária de que goza o Centro afirma seu direito próprio de Autorizar o início dos cursos que implanta.

Já em 2000, iniciávamos o processo interno de adequação para a apresentação do pedido de reconhecimento do programa de Pós-Graduação. Foi um processo difícil, que tentou costurar a unidade de seis núcleos que funcionavam independentemente, quase que como seis institutos autônomos. O processo exigiu um longo período de preparação, e em 2002, logo após

¹ A presente conferência foi realizada no dia 29 de outubro de 2009, na celebração dos 60 anos da Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, em São Paulo, e por isso guarda sua característica de conferência pronunciada.

* Doutor em Teologia pela Universidade de Louvaina, Bélgica; professor titular na Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, PUC-SP.

eu assumir a direção da Faculdade, recebemos a visita da Capes e, em seguida, a Portaria que credenciava nosso curso de mestrado. Chegamos inclusive a receber bolsas de estudo da Capes para os alunos, benefício perdido meses depois. Mas a partir daquele ano, os que seguiram nosso Programa de Mestrado em Teologia obtiveram um diploma reconhecido pelo Governo Nacional.

Em 2004 recebemos a visita do MEC para a oficialização do curso de graduação em teologia. Os formandos daquele ano já receberam seus diplomas com reconhecimento civil, e assim é até hoje. A reinserção na Pontifícia Universidade Católica em 2009 fez com que o Programa de Pós tivesse imediatamente seus alunos reconhecidos como sendo da PUC, por determinação da própria Capes. O curso de graduação, por sua vez, foi iniciado na Universidade, sendo que a turma que começou o curso em 2009 deverá ter seu diploma expedido pela PUC.

Ainda naquele ano de 2004, que hoje parece tão distante, iniciávamos o processo que nos permitiu integrar agora a Universidade. Muitas conversas foram feitas no interior da Faculdade, na Universidade e nos ambientes eclesiais; muita reflexão se fez, vários documentos foram produzidos, o processo foi democrático e participado. Concluído neste ano de 2009 com a reintegração da Faculdade de Teologia na PUC, o processo concluído deixa a pergunta sobre o sentido do que se fez e sobre as possibilidades de futuro. Não é sem importância visitar a questão, caso contrário correremos o risco de estagnarmos o fluxo vital que nos impulsionou nos últimos anos, de nos alienarmos da história e perdermos o sentido de nosso existir enquanto Faculdade de Teologia.

O fato de ostentarmos o título de Pontifícia sempre deixou clara nossa pertença à Igreja, a ponto de não nos determos mais sobre o papel eclesial da Faculdade e da própria teologia. Será preciso retomá-lo, assim como termos claro diante dos olhos nossa responsabilidade social e as exigências acadêmicas advindas do fato de integrarmos uma Universidade.

A elaboração teológica propriamente dita é antecedida pelo *auditus fidei*. Ouvir a fé é a primeira tarefa, pois o teólogo é homem de fé e não de crenças. As fontes da teologia revelam e moldam a natureza da fé, e ouvi-las não é opcional: é parte integrante do ser cristão e, por isso, do ser teólogo. A vivência do compromisso de fé é exigida de todos os que embarcam na viagem teológica, e seu testemunho é olhado e compreendido antes de sua

teologia. E há que continuar a ser assim no ambiente universitário. É preciso que a Universidade enxergue na Faculdade de Teologia, tanto nos professores quanto nos alunos, verdadeiros testemunhos de fé no Deus revelado em Jesus de Nazaré, pois só assim a teologia aqui elaborada será crível.

Homem de fé, o teólogo é homem de igreja. Sabe que sua fé não se realiza na solidão de uma vida fechada sobre si mesma. Por isso o teólogo vive em comunidade, em autêntica comunhão de vida, como consequência inequívoca de sua fé. Sabe que a presença do Espírito de Jesus se realiza na comunidade, e por isso a ela se abre e nela realiza sua existência. De um lado, a Faculdade precisará encontrar os caminhos para continuar a ser uma ação comunitária, eclesial; ela não tem fim em si mesma e nem é realização de uma ou várias pessoas. De outro lado, sua referência eclesial se concretiza, em primeiro lugar, no seu compromisso com a igreja local.

Daqui decorrem dois outros compromissos muito concretos, e que é preciso não perder de vista. O primeiro diz respeito à necessária co-responsabilidade no trato das coisas da Faculdade. O corpo docente é chamado a assumir, em conjunto, a responsabilidade da construção da Faculdade e do trabalho teológico que aqui se concretiza. Não é suficiente a realização de aulas ou de reuniões; é preciso que se assuma a realidade da Faculdade em todas as suas dimensões, pois ela não é propriedade de uma ou outra pessoa, e nem é responsabilidade apenas de sua direção. O segundo, semelhante a este, tem relação com a realidade da igreja de São Paulo. Chamada ao desafio da cidade grande, a Faculdade é e deve continuar a ser uma vitrine teológica para o Brasil, pois o que acontece em São Paulo repercute em todos os lugares. Se de um lado as igrejas metropolitanas são convidadas a olhar com atenção e carinho para a Faculdade, agora num púlpito universitário, será preciso também que a teologia aqui elaborada se torne relevante para a igreja local, e para isso a Faculdade deverá assumir sua tarefa missionária. Sua teologia deverá sair dos corredores e das arcadas do Ipiranga e encontrar a realidade urbana com seus desafios e contribuições, penetrando nos “novos areópagos” e incentivando a vida das comunidades eclesiais, elas nutridas, também, de teologia.

Grande parte disso é ainda anterior à elaboração teológica propriamente dita. Ouvir a fé professada e vivida pelas comunidades eclesiais da metrópole revela a matéria-prima e o lugar da realização do trabalho teológico propriamente dito. Então a teologia poderá ser “fides quaerens intellectum”, a inteligência da fé propriamente dita. Porque a elaboração teológica não é

simples repetição da proclamação da fé, mas sua intelecção; não se elabora apologeticamente, embora a apologética teológica tenha sua razão de existir ainda hoje. O desafio da racionalidade precisa ser enfrentado criticamente, inclusive como exigência da pertinência e credibilidade da própria teologia. Por isso há que haver rigor científico em sua elaboração, por causa de sua própria natureza, e mais ainda pelo fato de pertencer à universidade. A sistematização da teologia, elaborada de uma maneira “falante” para as comunidades cristãs contemporâneas, é necessidade eclesial. O vocabulário que utilizamos não pode ser anacrônico e referir-se a um universo ultrapassado, pois as questões apresentadas à fé são atuais; as respostas buscadas não se contentam mais com afirmações do tipo: “é mistério”, mas exigem capacidade de perscrutar o mistério e apresentá-lo de maneira humana, ainda que continue sendo mistério de inesgotável sentido.

Nos mais diferentes ambientes eclesiais deparamo-nos com a afirmação de que muito do sentido da vida parece ter-se perdido hoje para a juventude ou para boa parte da população brasileira. Vive-se uma carência de sentido, e o magistério muito tem se pronunciado a respeito. Se me permitem a expressão, pode-se também correr o risco de “perder o sentido da teologia”, e parece algumas vezes que nos deparamos com isso até em afirmação dos estudantes. Alguns aqui estudam, ou ao menos freqüentam as aulas, apenas por ordens superiores, sem se preocupar com a pertinência ou relevância do discurso teológico. Não raro, depois, o único discurso que lhes será possível será o do fideísmo, princípio de todo fundamentalismo religioso e de suas consequências. Além de proclamada e vivida, a fé deve ser pensada, inclusive criticamente, para continuar sendo significativa para a humanidade de hoje, para continuar possibilitando a afirmação do sentido da vida de toda essa geração de cristãos que vivem em nossas comunidades. Seriedade no estudo e no trabalho, e não o discurso fácil de cantilenas ultrapassadas; rigor científico e pertinência do discurso, e não apenas amontoados de frases ou chavões de momento; referência às fontes da fé e não a ditos oportunistas de segunda ou terceira mão; tal é o desafio que a realidade eclesial nos impõe. Sim, porque é preciso que ajamos motivados por nosso amor à igreja, onde vivemos em comunidade nosso compromisso de fé.

Aqui cabe lembrar a principal tarefa eclesial, agora não mais da teologia em si, mas da Faculdade: sua tarefa é a formação teológica, do clero e de todos os cristãos. Ela não é responsável pela formação dos presbíteros, tarefa que pertence aos seminários ou às casas de formação; é responsável

pela sua “formação teológica”, assim como é responsável pela formação teológica de outros candidatos às ordens sacras e à vida religiosa, e também das lideranças leigas de nossas igrejas locais. É importante lembrar que essa formação não se possui de antemão, mas se recebe na vivência acadêmica. Normalmente não se tem um conhecimento teológico antes de seguir o curso de teologia; se têm, sim, noções, ou então, conhecimento catequético a respeito das realidades elementares da fé. E se isso é suficiente para a vivência dos cristãos, não o é para seus líderes, pastores, condutores e guias. Estes precisam de uma fé esclarecida exatamente para poder orientar e guiar como “bons pastores” a porção do Povo de Deus que lhes for confiada. Repito sempre, e os estudantes são disso testemunhas, que é preciso que os pastores e líderes de comunidades cristãs tenham “competência teológica” para poderem realizar suas tarefas e sua vocação. Não basta ter “boa vontade”, e os ditados antigos o testemunham; é preciso ter responsabilidade e competência, inclusive e, sobretudo, porque nosso povo, já tão explorado e dominado, tem direito a pastores e líderes de qualidade: que não digam qualquer coisa que lhes venha à cabeça ou que mistifiquem a torto e a direito, mas saibam do que falam, porque falam do sentido da vida, do absoluto, da ultimidade e da salvação da humanidade e não se pode brincar com essas coisas.

Ainda que eu tenha me alongado sobre a realidade eclesial da teologia e seus desafios, já anunciei aquilo que agora desenvolvo mais rapidamente, a saber, a relevância social e acadêmica do discurso teológico. Questões não menos importantes quando contemplamos a teologia no ambiente universitário.

Em primeiro lugar, os desafios sociais da teologia. Será preciso também enfrentá-los, sob pena de realizarmos um discurso hermético, que interessa só aos iniciados. É a velha afirmação de que “cada um professa a fé que desejar”, outra maneira de se dizer o antigo “cada um acredita no que quer”, forma de relegar a teologia às sacristias e a fé ao mundo privado. E não será difícil encontrar religiosos prontos a apoiar tal discurso. Ele vem mesmo ao encontro de certas posições e de certos comportamentos atuais, inclusive em nosso meio, que reduzem o universo religioso ao cúltilco, e condenam a igreja a falar apenas a seus fiéis. Os seguidores de Jesus de Nazaré não podem aceitar passivamente essa condenação ao silêncio e ao narcisismo, forçando a igreja a olhar apenas para seu interior e, como se fosse simples corporação, cuidar do interesse dos que estão dentro.

A igreja e os cristãos que a formam têm uma obrigação missionária que lhes é essencial. Continuada da ação de Jesus de Nazaré no mundo, ela manifesta-lhe sua presença e se compreende como Corpo de Cristo. Ela quer ser hoje o meio, digamos, “por excelência”, da presença de Cristo no mundo, como outrora o Verbo se fizera homem em Jesus. Tarefa ousada e comprometedora: Jesus não ficava olhando para si mesmo ou para as, digamos ainda, “necessidades” da comunidade que o seguia; olhava para os sofredores, para as “necessidades” do mundo, para os excluídos da sociedade e do sistema religioso; olhava para as cidades de seu tempo e chorava sobre Betsaida, Corazim, Cafarnaum e Jerusalém, pois não conseguia reunir seus habitantes como a “galinha reúne seus pintinhos”. A igreja continuadora de Jesus tem uma palavra a dizer ao mundo, uma palavra que não é sua, que é de Deus e se manifestou como evangelho em Jesus de Nazaré: uma palavra que é de salvação para toda a humanidade em vista do cumprimento do desígnio de Deus de salvação universal.

Aqui entra em cena a teologia. Sim, será ela quem, criticamente, lembrará à comunidade que é preciso olhar para além de seus muros. Será a teologia que, interpretando a Palavra de Deus e as formulações da fé, lembrará à comunidade que é preciso ir “até os confins da terra”, para “fazer discípulos” todos os povos. Será ela ainda que dará as “razões da esperança” que a comunidade nutre, pois o mundo em que vivemos não é o que queremos, aí incluídas realidades eclesiais que desviam as comunidades de sua missão de anúncio e testemunho de salvação. E será ela, também, quem lembrará à comunidade que seu discurso ao mundo não é único, mas é um entre outros. Pois vivemos num mundo plural, inclusive em termos religiosos; em vez de sucumbir à concorrência entre religiões e à corrida à clientela, será necessário que cada confissão religiosa, a nossa incluída, diga de sua pertinência universal a partir da capacidade de convivência e do testemunho existencial daqueles que creem.

Superar certo regionalismo hermenêutico é necessário, aquele que condena o religioso a falar apenas de religião e para seus interessados. Aqui entra, mais uma vez, o trabalho da teologia. Ela lembrará à comunidade crente as consequências atuais de sua profissão de fé, e mostrará ao mundo a mensagem de salvação historicizada em Jesus a partir exatamente do testemunho eclesial. Poderá, então, dizer uma palavra pertinente à sociedade exatamente porque ali situada, e o fará a partir de princípios que são absolutos, e por isso ultrapassam a comunidade eclesial: falará dos direitos

sociais de todos, e não apenas de alguns; profeticamente denunciará a busca de privilégios e a dominação, e anunciará outra forma de organização social, possível porque desejada; democraticamente dirá de sua “opção pelos pobres”, e solidariamente se aproximará deles, dos excluídos e de todos os que sofrem; fraternalmente ouvirá outros discursos, religiosos ou não, e corajosamente testemunhará de sua fé ao cuidar, com amor, das vítimas de todos os sistemas. A teologia pode ajudar a igreja a dizer sua palavra para toda a humanidade, não como uma palavra de dominação, de mando ou daquela que possui a verdade, mas como uma palavra de humanização, e por isso relevante para todo o mundo. Não foi essa a palavra e a ação do Verbo encarnado em Jesus de Nazaré?

Durante muito tempo a teologia queixou-se do paradigma científico que não lhe reconhecia cientificidade e a relegava a um plano secundário, não lhe reconhecendo o direito a um discurso científico de conhecimento humano. Tal realidade imperou durante muito tempo e em diversos lugares, sendo que a teologia só podia falar para seus “adeptos”, pois seu discurso não era ouvido fora de seus muros. O reconhecimento oficial dos títulos e dos cursos de teologia significa que a sociedade, por meio de seu governo, reconhece à teologia amplo direito de cidadania, incluindo seu direito, talvez dever, de pronunciar um discurso que será ouvido pela sociedade, porque responsável, científico e autor de cultura e conhecimento. Nesse momento, em que todos os ouvidos querem perceber o discurso teológico, realidade que a teologia durante muito tempo esperou, vai ela calar-se ou pronunciar um discurso sem significado para o conjunto da sociedade? Vai ela fechar-se em seu “reduto epistemológico”, negando-se à participação na organização da sociedade? Não poderá calar-se, mas seu discurso terá de ser relevante e de qualidade. Eis-nos diante da questão acadêmica.

O ambiente universitário é plural por definição. O nome mesmo já faz referência ao “universo” de mentalidades e pensamentos que povoam a universidade. Habitar a universidade é, necessariamente, conviver com o diferente, e isso é para nós outro desafio, ao lado da necessária competência acadêmica. A convivência com o diferente não é assim tão simples, sobretudo para quem tem hábitos de monólogo, para quem se alia aos corporativismos ou para quem tem certeza de ter a posse da verdade. A convivência exige acolhimento, respeito, reconhecimento; sim, exige estabelecimento da própria identidade, mas que dê espaço para que o outro também afirme sua identidade. Exige não reduzir-se ao mesmo do outro,

mas também não reduzi-lo ao mesmo de si. Em palavras teológicas, exige coerência e conversão, verdadeira *kénosis*.

A universidade é lugar de produção de conhecimento, sobre o humano e as coisas que o rodeiam. Começamos a ouvir agora o discurso da necessidade de pesquisa e do estudo constante. Esta é uma novidade na vida da Faculdade, que é preciso assimilar. Estávamos acostumados apenas à reprodução de conhecimento, ao ensino em forma de aulas; agora todos, professores e alunos, somos desafiados à pesquisa científica, à produção de conhecimento; ela, com o ensino e a extensão, configuram o trabalho acadêmico universitário. É preciso ultrapassar os velhos hábitos e mergulhar na novidade de “mares nunca dantes navegados”!

A PUC tem excelência acadêmica reconhecida. É a segunda melhor universidade particular do país, grife de conhecimento. Conviver aqui exigirá qualidade acadêmica. É verdade que a Faculdade de Teologia não é uma pequena instituição que dá seus primeiros passos. Ela já tem 60 anos, tem reconhecimento pontifício, aliás, a única do Estado de São Paulo a tê-lo, tem tradição na área e é referência em teologia no Brasil e mesmo na América Latina. Trata-se agora de fazer jus à história que herdamos para que, no futuro, ainda se possa falar assim. E, se a Faculdade de Teologia conquista, em seu reingresso na Universidade, além de sua estabilidade institucional, um púlpito adequado de onde realizar seu discurso eclesial e social, deverá também responder às exigências universitárias. Talvez valha a pena pensar em algumas delas, até porque muito se tem falado nisso nos últimos tempos. Quais seriam essas exigências?

Em primeiro lugar, o trabalho teológico deve ser feito com rigor científico. A teologia não é simples enunciado da fé, já o dissemos. Ainda que sua cientificidade lhe seja própria, deve ser respeitada por ela mesma, pois tal rigor lhe é exigido por seu próprio estatuto científico. Como toda ciência, a teologia também é chamada a evoluir, a não se contentar com o já feito, já sabido ou já conhecido; sob a guia do magistério e em comunhão eclesial, ela busca avanços na inteligência do mistério de Deus exatamente para poder crer melhor. Na academia, a produção de conhecimento com rigor científico lhe será cobrado, ou ao menos lhe será lembrada sua obrigação como ciência da fé.

Na Universidade, há que participar do ambiente comum, onde outros saberes têm direito a seu discurso próprio. A teologia não lhes ensina suas

obrigações, aprende com eles; não lhes dá ordens, mas aceita o conhecimento que é produzido com rigor de ciência. E participa do debate, da sinfonia de conhecimentos que quer entender o ser humano e o mundo onde vive. Não pode se negar ao debate, sob pena de não participar realmente da vida universitária; não pode se calar, mas aprender os valores do ambiente democrático; e, no debate, buscará sempre apresentar a autoridade dos argumentos, e não argumentos de autoridade. Participará da busca do bem comum, da universidade e da sociedade, de braços dados com pessoas, grupos e realidades diferentes que também querem o bem comum da humanidade. Nisso ela realiza sua vocação, pois a missão eclesial não é muito diferente disso.

São muitas e boas as perspectivas para a vida da Faculdade agora inserida na PUC. Com estabilidade institucional, econômica e eclesial, poderá trabalhar com afinco e rigor na produção do conhecimento teológico, no seu ensino e no trabalho de extensão que fala da relevância da teologia e da igreja para a sociedade. Poderá dialogar com outros campos de saber sobre a humanidade e o mundo onde vive, dizendo sua palavra de sentido. Poderá contribuir, de seu lugar próprio, para o bem da sociedade e da igreja. Poderá fazer brilhar sua luz como lugar de referência no trabalho de elaboração teológica para todo o país. Poderá fazer tudo isso, se quisermos que assim seja. Para isso será preciso o trabalho sério, dedicado e competente, sobretudo dos professores, mas também dos alunos e funcionários.

Contemplar o passado de histórias de sessenta anos da Faculdade de Teologia é bastante instrutivo. Mostra-nos o caminho de fé e trabalho que a conduziu até o presente, e o testemunho de quem o realizou; em linguagem teológica, diríamos que nos mostra Deus conduzindo-a pelos caminhos da história. A nós, resta-nos o compromisso de fidelidade: à história da nossa Faculdade, ao trabalho universitário, à reflexão teológica, ao Deus do Reino anunciado por Jesus de Nazaré.